

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



## ARTIGO

### MULHERES ARTESÃS RIBEIRINHAS E A DANÇA DO SIRIRI NA COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA-RIO DE CUIABÁ, MT

*Women riverside artisans and the siriri dance in the São  
Gonçalo Beira-rio community in Cuiabá, MT*

*Femmes artisans riveraines et la dance du siriri dans la  
communauté São Gonçalo Beira-rio à Cuiabá, MT*

#### **Geny Solange da Luz**

Professora Universitária, Mestre em Políticas Sociais.  
E-mail: geny@terra.com.br

#### **Ellen Laura Leite Mungo**

Professora Universitária – Centro Universitário de  
Várzea Grande-MT, Mestre em Educação e Meio  
Ambiente pela UFMT.  
E-mail: ellenmungo@hotmail.com

#### **Maria das Graças Campos**

Professora Universitária – Universidade de Cuiabá,  
Doutora em Políticas Públicas Sociais.  
E-mail: mdcampos@uol.com.br

Como citar este artigo:

**LUZ, Geny Solange da; MUNGO, Ellen Laura Leite; CAMPOS, Maria das Graças.** Mulheres artesãs ribeirinhas e a dança do siriri na comunidade São Gonçalo Beira-rio de Cuiabá, MT. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. vol. 2, n. 1, p. 133-151, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 2, número 1 (2019)  
ISSN 25959026

## MULHERES ARTESÃS RIBEIRINHAS E A DANÇA DO SIRIRI NA COMUNIDADE SÃO GONÇALO BEIRA-RIO DE CUIABÁ, MT

*Women riverside artisans and the siriri dance in the São Gonçalo Beira-rio community in  
Cuiabá, MT*

*Femmes artisans riveraines et la dance du siriri dans la communauté São Gonçalo Beira-rio à  
Cuiabá, MT*

### Resumo

Este estudo tem o intento de registrar como o fortalecimento da cultura ribeirinha na Comunidade São Gonçalo conseguiu imprimir na paisagem, traços de uma Cuiabá antiga e que hoje culmina com a expansão desta cultura para além do Brasil. Quanto à metodologia, adotou-se a pesquisa qualitativa, por compreender que o estudo repercute a subjetividade humana. Foi desenvolvida com a consulta de fontes documentais, iconográficas e entrevistas semiestruturadas. Com 12 (doze) sujeitos pesquisados, qual seja o senso comum. A esse fato procurou-se dar importância e excluir a possibilidade do uso de questionário. A comunidade levou o Siriri, a dança típica mato-grossense, que há mais de 200 anos reflete o multiculturalismo formado por índios, africanos, europeus e que traz o ritmo contagiante embalado pela viola de cocho, o mocho e o ganzá; história da tradição mato-grossense ao mundo.

Palavra-chaves: Cultura. Comunidade Tradicional. Determinação.

### Abstract

Thus study aims to record how the strengthening of the São Gonçalo riverside community culture has managed to establish the traits of old Cuiabá which today culminates in the expansion of this culture beyond Brazil. As for the methodology, qualitative research was adopted, since the study reflects on human subjectivity. It was developed by consulting documentary, iconographic and semi-structured sources. With 12 (twelve) subjects investigated as is the norm. The aim was to give importance to this fact and exclude the possibility of using a questionnaire. The community has taken the Siriri dance (a typical dance from Mato Grosso which for more than 200 years has reflected the multi-culturalism formed by Indians, Africans and Europeans and which has a contagious rhythm driven by the viola de cocho (a small guitar), the mocho (a drum) and the ganza (a type of rattle)), and its history of Mato Grosso all over the world.

Key words: Culture. Traditional Community. Determination.

### Résumé

Cette étude a l'intention d'enregistrer comment le renforcement de la culture riveraine dans la communauté São Gonçalo a réussi à imprimer dans le paysage les traces d'une Cuiabá ancienne et qui culmine aujourd'hui avec l'expansion de cette culture au-delà du Brésil. En ce qui concerne la méthodologie, la recherche qualitative a été adoptée parce qu'on comprend que cet étude réverbère la subjectivité humaine. Cette recherche a été développée en consultant des sources documentaires, iconographiques et des entrevues semi-structurées. Douze personnes ont participé comme sujets de recherche, ce qui est le bon sens. On a cherché à donner importance à ce fait et à exclure la possibilité d'utiliser le questionnaire. La Communauté a apporté au monde le Siriri, la danse typique du Mato Grosso, qui depuis plus de 200 ans reflète le multiculturalisme formé par les indiens, les africains, les européens, et qui porte le rythme contagieux emballé par la viola de cocho, le mocho et le ganzá ; histoire de la tradition mato-grossense.

Mots-clés : Culture. Communauté Traditionnelle. Détermination.

Geny Solange da Luz. Ellen Laura Leite Mungo. Maria das Graças Campos

134

## Introdução

Neste estudo, nos apropriamos da categoria cultura para designar as diversas dimensões que a mesma produz no fortalecimento da prática cultural no interior de uma comunidade tradicional e neste caso, uma de suas faces, a dança, praticada pela Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo desde a sua fundação no século XVIII, em território de índios Coxiponés.

A dança é um instrumento que por muito tempo traduz a identidade dessa comunidade, mas também retrata seu modo de vida e trabalho, ligado diretamente à natureza. Para a compreensão do objeto aqui tratado, a dança denominada “Siriri”, pode ser identificada como um imenso potencial econômico e como tal, explorada para a manutenção e sobrevivência da Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo, situada às margens esquerda do Rio Cuiabá, pertencente ao Distrito do Coxipó da Ponte em Cuiabá-MT, e hoje reconhecida por ser um elo de ligação às regiões de centros dinâmicos do país e do mundo.

A dança siriri, na Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo, é praticada por moradores ribeirinhos. Outrora, uma prática cultural executada no momento em que as mulheres, à noite, se reuniam para a “queimada da Cerâmica”, ou nas festas do Santo Padroeiro, Santo São Gonçalo.

## Percurso metodológico

O procedimento metodológico adotado foi a pesquisa qualitativa, por compreender que o estudo repercute a subjetividade humana, mas também nos permite observar o objeto a uma outra interface que a dança produz no horizonte da ressignificação da sobrevivência da Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida com a consulta de fontes documentais, iconográficas e entrevistas semiestruturadas. Na definição deste instrumental levou-se em consideração, principalmente, o universo de 12 (doze) sujeitos pesquisados, qual seja o senso comum. A esse fato procurou-se dar importância e excluir a possibilidade do uso de questionário. As questões do roteiro foram formuladas tendo como preocupação básica

identificar, através dos relatos dos sujeitos, a concepção sobre o sentido da cultura que permeiam suas vivências.

Para análise dos dados utilizou-se, como recurso, a Análise Sequencial do Discurso, procurando entender a natureza e a modelagem cultural da produção de significados e o lugar central que ela ocupa na ação humana.

Obviamente, a produção de significados não tem o caráter de abranger cada aspecto desse processo. Ao contrário, é um esforço em aventurar para além das metas convencionais da ciência positiva caracterizada por suas ideias reducionistas de explicações causais e previsíveis. Tem-se ciência de que, ao lidar com os significados, fatalmente nos movemos em direção à compreensão mesclada, seja como promotora de sobrevivência, mas também de significados, como ensina Geertz, (1989).

### **A cidade e as comunidades tradicionais ribeirinhas: algumas reflexões**

Não ignorando o fenômeno urbano da antiguidade, ou mesmo as importantes cidades que persistiram ou que apareceram e se desenvolveram nos séculos que compõem a Idade Média, é fato inconteste que nenhuma dessas situações se compara à deflagrada pela Revolução Industrial, pensada aqui não apenas do ponto de vista tecnológico, mas como expressão de consolidação do modo de produção capitalista. Park (1979, p. 27), ao estudar a cidade como organismo vivo, considera,

A cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizadas, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição, em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.

Como um organismo social, a cidade tem vida própria e determina os limites para as modificações artificiais em sua estrutura e sua ordem moral,

Gostos e conveniências pessoais, interesses vocacionais e econômicos tendem infalivelmente a segregar e por conseguinte a classificar as populações das grandes cidades. Dessa forma a cidade adquire uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada (FREIRE, 1998, p. 2-51).

A feição familiar que a cidade de Cuiabá outrora tinha para os cuiabanos que nela viviam, perdeu-se no redemoinho das fortes transformações nela operadas e se, para os próprios cuiabanos que vivem na malha urbana, este estranhamento foi de difícil assimilação, o é ainda mais para aqueles que vivem hoje afastados do seu cotidiano, como é o caso das populações ribeirinhas. Citadinos e ribeirinhos, cuiabanos de “Chapa e Cruz” – expressão que cuiabanos designam para aqueles que aqui nasceram, perplexos, muitas vezes perguntam onde está a nossa Cuiabá? Entre os saudosistas estão aqueles que ainda procuram seus vestígios e muito pouco encontrado.

A crônica do professor Benedito Pinheiro de Campos é uma expressão desse dilema e dessa saudade.

Cuiabá do Pacu, do Bagre, da piraputanga, do Caju, do Licor e da Manga.  
Cuiabá, a cidade verde de Dom Aquino, José de Mesquita, de Rondon, de Dutra e de todos os poetas.  
Cuiabá de Maria taquara, de Antonio Peteté, Zé Bolo Flor e de Gegé.  
Cuiabá de São Benedito, das Missas de Madrugada, do bolo de arroz e dos hinos dos santos.  
Cuiabá da rua de cima, da rua do meio, da rua de baixo, das ruas estreitas e das grandes avenidas.  
Cuiabá dos Casarões, das Taipas, das Peras cangas e dos azulejos português.  
Cuiabá do Beco Sujo, do Beco do Urubú, do Beco Quente, do Beco do Candieiro, de Maria Umbelina e do Palácio das Águias.  
Cuiabá do Muxirum, do velho e do novo.  
Cuiabá dos gaúchos, dos paranaenses, dos paulistas, dos goianos e de todos os que aqui se aportem (CAMPOS, 1999, p. 9).

Se há 270 anos, bandeirantes paulistas desceram os rios e córregos, fundando povoados, arraiais, vilas e cidades e a abundância do ouro, do mel, transformaram Cuiabá numa das cidades mais populosas do século XVIII, 299 anos depois, os fatos se repetem, e desta feita, são bandeirantes, sulistas, gaúchos principalmente que, ocupando os espaços vazios do nosso Estado, plantam soja, acompanhados do seu chimarrão. Há 20 anos, estimulada pelos investimentos agrícolas e pelos enormes espaços vazios, a cidade se vê escolhida para se tornar a nova terra dos sulistas. São outros sotaques, outras práticas culturais, da bombacha, do chimarrão, do vanerão, do vinho, da cultura tão rica e tão bonita quanto a dos cuiabanos, mas tão diferente da sua. E como os do Sul, muitos dos que chegaram com suas diferenças começaram a forjar o *outro* cuiabano, o que não é igual, o que é desconhecido. Para os daqui também, eles são igualmente outros e desconhecidos.

A pesquisa realizada na comunidade ribeirinha de São Gonçalo demonstra esse estranhamento e na fala dos informantes se percebe, nitidamente, a presença desse misto de saudosismo e diversidade, do que se ganhou e do que se perdeu nesse redemoinho chamado modernidade. Segundo a informante Guardiã do Santo São Gonçalo,

A cidade mudou muito, porque antes ela era aquela cidade antiga com casas baixinhas, calma, que você podia também ficar com a porta aberta, sentá na porta, agora nem aqui gente pode sentá mais na porta, tem que escurece porta trancada na chave, fica tudo com medo, aqui parece ladrão. Lá na cidade era cidadinha tão pequenininha, agora só prédio, arranha-ceú e, sobre o centro da cidade gente num vai mesmo. Eu vou só quando é pra comprar dinheiro, compra remédio, fazer comprinha, que gente não pode fazer compra grande ...riso. agora a cidade antiga dá saudade, mas agora essa é mais bonita... só que gente vai na cidade não encontra mais conhecido!!!, não sei pra onde que fica uma mulher que vinha antigamente comprá bastante cerâmica, gente não encontra eles na cidade!!!, não sei onde ela mora.

Por sua vez, a Ceramista de Fé,

[...] Tá aparecendo muito roubo, nós não fica mais tranquilo. Quando era só o bairro CoopHEMA, tudo bem, porque foi criando farmácia, mercadinho, mas agora com esse monte de bairro tá ficando ruim, prejudica nossa tranquilidade porque os povos grilou é sói gente de fora, tens um bom, uns não são e ainda eu acho não é só eles, mas as vezes é só parente que venha rouba.

Já o Pescador Ribeirinho,

Hoje Cuiabá representa para São Gonçalo e nós estamos bem próximos de Cuiabá. Hoje Cuiabá é uma cidade que está se modernizando, e com essa modernização, várias coisas boas acontecem e também coisas ruins, como por exemplo: o aumento da população, quando Cuiabá era uma cidade antiga, era mais tranquila para gente viver. Agora com ela mais moderna, ela começa a viver a onda do asfalto, aumento da criminalidade, em função da própria expansão que Cuiabá está sofrendo, e essa violência evidentemente que também atinge a nossa localidade. Essa mesma violência já está começando a chegar aqui, a violência da cidade já está chegando aqui. Hoje nós já vivemos esse problema de assalto, e nós já estamos começando a nos preocupar com isso. Antes nunca tínhamos preocupação em sair tranquilamente, então tudo isso já é reflexo do próprio progresso da cidade (...) sempre que a gente ia na cidade, a gente encontrava amigos, conhecidos, já hoje é mais difícil devido ao aumento da população, da invasão das pessoas de fora, inclusive de localizar as pessoas amigas que a gente tinha.

Já o Policial Ribeirinho argumenta que, “Cuiabá não está lembrando muito do São Gonçalo, o pessoal de lá só lembra quando precisa de alguma coisa, quando querem grupo de siriri, cururu, só pra isso”.

Em meio às ambiguidades e aceitações, a comunidade de São Gonçalo, por necessidades individuais e coletivas, vai convivendo com essas transformações que aceleram o correr na cidade de Cuiabá e conseqüentemente, consigo própria. Porém há algumas décadas, suas idas e vindas ultrapassam os limites do individual para se situarem no plano do coletivo.

Conta-nos uma artesã, que as idas e vindas dos ribeirinhos ao mercado do Porto era uma constante, a fim de comercializar seus produtos. A trajetória até esse mercado era feita através de canoas. Os compradores, todos os conhecidos, compravam e revendiam principalmente para outros comerciantes da cidade de Corumbá - antigamente esta cidade pertencia ao Estado de Mato Grosso e, com a divisão do Estado, passa a pertencer a Mato Grosso do Sul.

Walter Benjamim, em suas narrativas sobre a cidade, nos pergunta se “é a cidade que habita o homem ou se é o homem que habita a cidade” (BENJAMIM, 1991, p. 40). Respondendo à pergunta, eu digo que, no caso do ribeirinho, com certeza, este não habitou a cidade, mas a cidade um dia habitou o ribeirinho; ela lhe era familiar, era lugar de encontros, com o dono da farmácia “seu Tingo”, o lugar de encontro com o médico “Dr. Alcides”, lugar de encontro com o mercado do Porto, era lugar de encontro de conhecidos moradores da cidade, com a praça, a fonte luminosa, o desfile de 7 de setembro, etc.

Assim, a cidade de Cuiabá, que em outros tempos era local conhecido para o ribeirinho, aos poucos se tornou desconhecida, devido ao seu processo de crescimento populacional desenfreado, sua nova configuração urbanística e a sua entrada no mundo modernizado.

Se, há algumas décadas, por interesses econômicos e domínio de fronteira, o Brasil se aproximou de Cuiabá, hoje, este ciclo se repete. Agora é Cuiabá que se aproxima, concreta e virtualmente, da comunidade ribeirinha de São Gonçalo e o motivo predominante é o econômico e predador. Porém, a cidade que se aproxima e a penetra, é estranha ao ribeirinho, não lhe oferece segurança, mas pelo contrário, a comunidade se encontra sob os mesmos riscos que assombram a área urbana. Em meio ao cotidiano de relativa tranquilidade, paira hoje nas suas vidas a ameaça, não só do desemprego, mas também da falta de segurança, alguns indícios da entrada das drogas nas proximidades de São Gonçalo, onde ocorreram as ocupações ilegais via grilagens de terra e bairros ditos “nobres”, nas proximidades. Sobre o

assunto relacionado às drogas, os moradores da comunidade de São Gonçalo descartaram conversar, principalmente por medo.

Quanto à falta de segurança, a Agente de Saúde Ribeirinha faz o depoimento seguinte,

[...] São Gonçalo tem muitos problemas. Segurança, por exemplo. Onde tem matagal, e o dono não aparece nem prá roça, é uma ameaça, lá já encontraram 3 pessoas morta, é lugar que ninguém quer pegar lenha. O presidente da associação, inclusive já comunicou aos donos, mas nenhuma providência foi tomada. Nosso povo vive com medo, nós temos os jovens da comunidade que estudam a noite, muitos vêm de bicicleta, então nós enfrentamos também a falta de segurança. É triste a gente escutar na rádio e na televisão que São Gonçalo virou lugar de “desova de gente”. A gente fica com vergonha, porque muitos podem pensar que é nosso povo, mas não é não!!! Nós somos gente direita, honesta. Eu juro pra você!!! Eu queria que aparecesse mais grileiros e tomassem todas as terras desse dono que não precisa da terra, assim acabar logo com esse matagal. Teve uma vez!!! Nós reunimos e pedimos até pros donos dessas terras doar um pedaço prá fazer a igreja, que aqui não tem uma igreja, e é a localidade mais velha de Cuiabá, mas eles ficaram de pensar e ficou só nisso. Prá você ver, a festa de São Gonçalo de 1999, teve até roubo!!!, isso nunca tinha acontecido. Nós perdemos com o crescimento da cidade, tudo ficou mais difícil prá nós.

Contudo, vamos encontrar na comunidade ribeirinha de São Gonçalo aqueles que não negam as vantagens com relação aos benefícios infraestruturais ocorridos, mas também são cômicos das alterações cotidianas decorrentes dessa aproximação. Esta posição pode ser confirmada através das palavras do Professor Ribeirinho,

[...] com a criação de novos bairros loteados ou grilados, tudo isso vem contribuir de forma positiva e negativa ao mesmo tempo, com o aumento da população acaba aquela paz, aquela tranquilidade que a gente tinha aqui, mas como também tem os fatos positivos, os melhoramentos que já está ocorrendo na localidade. Energia, telefone, água tratada; na área da saúde, inclusive nós agora temos uma no Bairro Coxipó, que já ajuda no atendimento à saúde e é próximo do São Gonçalo. Na área do transporte também melhorou um pouco e outras coisas mais. Então essas são as coisas boas que estão acontecendo, mas também tem aquelas ruins como já falei, tem também a construção da barragem que certamente irá contribuir para o melhoramento da estrada e servir quem sabe de ponto turístico, é um grande progresso. E se não começam a construção dela eu não sei se daqui a alguns anos o que seria de São Gonçalo, porque o assoreamento já estava destruindo os barrancos e o rio iria atingir as nossas casas e com isso São Gonçalo deixaria de existir.

O processo de modernização, a partir de 1970, chega a essa comunidade com a instalação de infraestrutura básica, apontada pelo depoente, e com esta, a penetração dos meios de comunicação de massa, ocupação de espaços vazios, que a fazem conviver com os dilemas em função do seu modo de ser, de viver, de sentir a vida; e por estar parcialmente isolada de um meio circundante dominante e, portanto, sendo mais prejudicada em relação a

**Geny Solange da Luz. Ellen Laura Leite Mungo. Maria das Graças Campos**

**140**

esses impactos conflituosos e ambíguos, quando as opiniões ora convergem ora divergem nos depoimentos referidos, misturam-se aceitação, esperança e revolta que aos poucos alteram suas formas de trabalho, seus valores e princípios de vida.

O processo de urbanização que se deu no seu entorno acarretou, de imediato, impactos nos meios de sobrevivência, interferindo diretamente nas duas principais atividades produtivas, a pesca e o artesanato, transformando-se em um obstáculo à continuidade dessas práticas produtivas, desenvolvidas por este agrupamento social, principalmente no que se refere ao artesanato. Os locais onde se buscava a matéria-prima, no caso a argila, para a confecção de artefatos decorativos e utensílios domésticos, hoje, como já foi dito, são espaços ocupados e os poucos que ainda existem, oferecem, segundo os moradores, perigo, pois estão sendo utilizados para consumo aos usuários de drogas, e para o esconderijo de corpos.

Portanto, não apenas essas questões incidem nos meios de produção da comunidade, como já se frisou. Há que se pensar na própria exigência que se estabelece na relação mercado/consumo e nos problemas sociais, em decorrência das próprias alterações dos processos produtivos que em médio prazo, afetam também seus princípios morais e talvez fosse necessário pensar em novas formas de produção de São Gonçalo.

Ao se pensar nas alterações do seu processo produtivo, tem-se o entendimento de que nasceu juntamente com essa comunidade (1719); até a década de 1970, constituía-se em *locus* de referência, principalmente para as operações de venda do produto fabricado na comunidade, especialmente a cerâmica, com uma aceitação significativa e hoje não oferece o mesmo grau de referência. Ainda assim, Cuiabá é o local em que a comunidade busca resolver seus problemas de saúde, de transporte, de abastecimento alimentar, entre outros.

Nos estudos realizados por Antônio Cândido (1997), sobre análises e mudanças na vida do caipira paulista, ele nos fala que quando um ambiente circundante não pode mais ser mantido por formas antigas de produção para manutenção da sobrevivência de um grupo, vão surgindo condições de desequilíbrios e de conflitos. A mobilidade é limitada pelo sistema de propriedade legal e pela densidade demográfica. As mudanças na estrutura econômica e social acarretam outras tantas na organização dos grupos de cultura rústica, e a dependência crescente em relação ao mercado junte o homem rústico a outras esferas de influência.

Exprimindo a diferença entre o antigo e o atual estado de alterações, diz ainda o autor que, no caso do caipira paulista por ele estudado, houve um desprendimento do meio, considerado anteriormente como integração total dos elementos naturais a um reajustamento a

meios parciais, desarticulados, não em consonância com a natureza, mas uma pluralidade de ajustamentos, ligados ao comércio da vila, podendo inclusive observar, no período estudado, a formação de novos sistemas de dependências ecológicas, por meio dos quais a vida grupal foi perdendo a sua autonomia, passando a depender de novas esferas de relações.

Ainda para este autor, a situação acima descrita se caracteriza pelo desligamento relativo em fase do meio natural imediato, a aceleração do ritmo de trabalho, a maior dependência em relação aos centros urbanos (CÂNDIDO, 1997).

Este estado de coisas, obviamente, como nos lembra o autor, não poderia deixar de repercutir na esfera da cultura, onde se pode notar a reelaboração de técnicas, práticas e conceitos, por exemplo, a diminuição da indústria doméstica, tipo produção de utensílios caseiros, vestuários e mesmo produtos alimentícios sendo comprados industrialmente, em fase de um estágio mais avançado da técnica e pela transformação do panorama tecnológico contribuindo para criar novos hábitos, novas necessidades e nova dependência econômica.

Assim, diz este autor, que toda vez surge, por difusão da cultura urbana, a possibilidade de adotar os seus traços, e o caipira tende a aceitá-los, como elementos de prestígio (CÂNDIDO, 1997).

A diferença que se pode observar entre o caipira paulista e o ribeirinho, em especial da comunidade ribeirinha de São Gonçalo, é que desde a constituição dessa comunidade, que aí ainda está, tenha, ao longo dos anos, construído hábitos culturais diferentes em relação à cultura urbana, na inter-relação entre o urbano e o ribeirinho; historicamente houve mais aproximação do que isolamento, contudo, a relação de dependência foi, e ainda é, do ribeirinho em relação ao cidadão. Essa dependência, evidentemente, é motivada pela maior necessidade de acesso a serviços sociais e pela força das transações comerciais.

Nesse caso, pode-se inferir que a relação de coexistência permitiu a inclusão das práticas produtivas familiares e culturais no processo de comercialização e como tal, puderam manter-se por um longo período o modo de ser do trabalhador ribeirinho e a continuidade da construção de sua realidade.

Verifica-se, desse modo, que a comunidade ribeirinha de São Gonçalo, historicamente não se enquadra em um modelo de sociedade total, fechada em si mesmo, porque ela se insere em um processo de interação com os padrões de vida dos grupos circundantes. E o fato de que, com o avanço da sociedade industrial e de consumo, este agrupamento perde em relevância econômica e se enquadra no que Chauí (2008) denomina de cultura popular como

expressão dos dominados. Dominados por não serem os representantes da contemporaneidade, por não estarem familiarizados o bastante com os novos símbolos modernos. Suas vidas são marcadas pela simplicidade e rusticidade. Ao mesmo tempo, pode-se identificar típicos de cultura dominante no espaço de vivência da população ribeirinha. Este é um processo que implica em assimilação e rejeição e que nos permitiu compreender as formas pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada, afetada e afastada, implícita ou explicitamente, pelos dominados.

A fala de um ribeirinho que anteriormente exercia a profissão de artesão, abandonando-a para atuar em outro setor da economia, retrata as contradições vivenciadas pelos moradores da localidade, pois para este, o futuro das duas principais atividades – cerâmica e pesca – é “curto” na comunidade ribeirinha de São Gonçalo. Este ex-artesão cognominado de O Presidente, expressa sua posição de forma seguinte,

Hoje tá melhor do que antigamente, aqui hoje nós temos água encanada, luz, telefone e televisão em muitas casas e até orelhão comunitário, a ponte que era de madeira agora é de concreto, agora com a barragem que tá sendo construída vai acabar com a enchente e não vai ter mais desbarrancamento que prejudica a estrada e nossa moradia, então tá melhorando. Agora, a cerâmica e a pesca, o futuro deles é “curto”, porque hoje a cerâmica só faz as pessoas velhas, e as pessoas novas já estão trabalhando outro tipo de trabalho, porque o trabalho com a cerâmica e pescaria, hoje não prende mais ninguém, porque não tem uma renda, não dá pra pessoas sobreviver, então as pessoas vendo a dificuldade do pai, que trabalha com pescaria, da mãe, que trabalha com a cerâmica, eles busca outras coisas, outro tipo de trabalho porque eles não acha apoio nesses trabalho que o pai e mãe faz pra desenvolver a vida deles. Meus filhos mesmos, nenhum trabalha com pescaria e cerâmica, eles estudaram e arrumaram outro emprego, e tão melhor do que aquele que ficou aqui só nisso. Se fosse um trabalho que desse uma renda fixa pra manter a família, família poderia trabalhar tudo naquilo, mas não, a pessoa tem que buscar outro trabalho.

Entretanto, na fala de outro ribeirinho, pescador profissional há vinte e dois anos e que, na sua juventude, desenvolvia suas atividades como pequeno agricultor de hortaliça de praia e posteriormente passou a desenvolver somente atividade pesqueira, pode-se observar um senso crítico apurado que, em um misto de revolta e indignação, expressa claramente a rejeição e negação de novas proposições que vêm sendo impostas para essa categoria de trabalhadores. Para este entrevistado, denominado Pescador Revoltado,

O pescador profissional tá ficando imprensado. Imprensado porque nós quando começamos a pescar atividade pesqueira, nós vivia da pesca, então era só nós que mexia com a pesca, então dava para você sobreviver e manter sua família. Agora, hoje em dia, não. Desde o nosso governo, a intenção dele é acabar com a pesca

profissional, a atividade pesqueira tá ficando só pra os empresários, os turistas, ele tá dando prioridade só pra turista, pos povo tubarão.  
Então nós que vive da pesca, tá ficando imprensado, que a lei que ele tá impondo é pra acabar com nós, tá ficando difícil, não dá nem pra sobreviver da pesca.

Continuando a narrativa, ele também apresentou sua posição com relação à lei citada, dizendo o seguinte,

A lei começou assim que do primeiro você não tinha quantidade de pescado pra transportar. Você transportava qualquer quantidade de peixe que você pegava e, daí ele (governos estaduais), diminuiu para 1000 kg, desse ele baixó pra 100 kg, e agora, tem mais outra, o pescador profissional só pode pescar o pescado dentro do seu município. Então ele municipalizou o setor pesqueiro. Nós daqui se Cuiabá, temos direito de pescar só dentro da jurisdição de Cuiabá, nós não podemos pescar na região de Poconé, Barão de Melgaço (estes municípios citados pertencem a denominada Baixada Cuiabana). Se a fiscalização pegar, você é apreendido e também todo o seu material de pesca, sua carteira é cancelada. Se vê, isso é errado ou, não é?... pescador de outros Estados vem com a mesma carteira que nós temos do IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente – e pesca em qualquer lugar dentro do estado, e nós cuiabano, nós mato-grossense não temos o direito de pescá, então é uma lei errada.

Enquanto vamos encontrar uma fala que rejeita o aparecimento de turista empolgado com a pesca, na fala da Ceramista Viradora, dentre muitos dos seus sonhos, o aparecimento de turistas significa tornar a localidade conhecida “[...] ter um ponto turístico para receber os turistas, pra todo mundo saber que São Gonçalo é o berço da cultura de Mato Grosso”.

Deste modo, a esfera conflitual está presente e passa a interferir interna e externamente na relação entre os agrupamentos sociais minoritários e pouco representativos para o mercado produtivo e o Estado, ao impor suas normas, desconsidera realidades diversas de modo capitalista.

A cidade moderna e a própria modernidade carregam consigo um símbolo que procura incessantemente desintegrar o diferente, heterogêneo, diminuindo cada vez mais os seus espaços de vivência e sobrevivência, pois sua marca registrada e sua luta estão no plano da homogeneidade.

Assim, foi possível verificar que, no plano relacional, emergem crises conceituais, envolvendo concepções antagônicas de progresso e tradição, novo e velho, moderno e antigo, expressos nas narrativas a respeito da cidade de Cuiabá e de seu acelerado crescimento, que fazem com que o ribeirinho, hoje, se encontre na fronteira da negação e da aceitação, da inclusão e da exclusão.

Essa construção sobre a “cidade” ocorre através das representações sociais que as populações tradicionais constroem. Assim não se pode falar apenas de uma cidade

homogênea, única, mas de acordo com este estudo, a cidade de Cuiabá é contraditória e percebida por diferentes lógicas. Ao mesmo tempo, ela é provedora de determinadas condições que viabilizam as atividades econômicas dos ribeirinhos tradicionais, também enfocadas como geradoras dos problemas que dificultam a continuidade dessas mesmas atividades.

É nesse espaço contraditório que esta população organiza sua vida, sua prática cultural articulada ao uso e manejo dos recursos naturais do lugar. Por práticas culturais, compreendem-se as ações que, cotidianamente, são realizadas e modificadas. Segundo Certeau (1994, p. 39), são combinações coerentes dos elementos cotidianos concretos, passados por uma tradição e comportamentos, enquanto que a prática corresponde à identificação do usuário a partir do momento em que assume o seu lugar na rede de relações inscritas no ambiente.

### **A resignificação da dança para o contexto cultural e econômico da comunidade ribeirinha de São Gonçalo**

Segundo a professora Dias Ferreira (1999), as comunidades ribeirinhas são constituídas por agrupamentos humanos importantes de vida ribeira, que se originaram das relações de escravos, proprietários de usinas, indígenas e garimpeiros, que aprenderam os ritmos dos tempos. Com eles, definiram uma resultante da incorporação dos elementos naturais com os objetos sociais, testemunhos do trabalho humano e do tempo, que resulta de fases históricas marcadas na cultura mato-grossense.

Essa é a gente genuinamente mato-grossense, guardiã da sabedoria e da cultura do pantaneiro ou denominado ribeirinho. Outrora, a população ribeirinha tinha no rio o principal componente da paisagem natural, o seu elemento essencial à vida. Nas margens do rio Cuiabá, inúmeras comunidades se instalavam em contato permanente com ele, viviam dele, falavam dele com intimidade e sabedoria.

Se no passado o rio teve papel preponderante para o processo de ocupação e colonização, foi importante via de comunicação entre a cidade e a comunidade instalada nas suas margens, foi relevante para o escoamento da produção, para os agrupamentos humanos

que viviam na barranca do rio, esse papel preponderante está em vias de redução, pois o rio já não é o principal sustento do ribeirinho.

O Rio Cuiabá representou o “*locus*” da população ribeirinha; o rio era, para esse agrupamento humano, seu celeiro de alimento, seja pelo seu estoque piscoso, seja pelas propriedades agricultáveis que existiram às suas margens. Em uma relação harmoniosa entre ribeirinhos/natureza, o rio representou a imagem do sagrado, do simbólico, do seu bem coletivo de todos os dias.

A exuberância da paisagem ribeirinha, a fartura de um rio piscoso, a cerâmica, a hospitalidade, a alegria de um povo simples e ordeiro, cultuador de rituais religiosos traduziram o que hoje essa comunidade é, ou seja, guardiã de uma cultura tradicional. Como em todo mundo, a comunidade ribeirinha de São Gonçalo não está afastada do contexto global, nada se mantém na contemporaneidade em isolamento e este processo atinge fortemente quando afeta sua economia, seja pesqueira, seja a produção artesanal. O avanço capitalista não escolhe terra e se assenta onde possa se apropriar de bens e produção, onde exista quem consuma o que o capitalismo produz. O objetivo do capitalismo é, certamente, construir consumidores compulsivos.

A Comunidade Ribeirinha vê nesse processo de avanço capitalista, a redução da pesca provocada fortemente pela degradação ambiental nas suas diversas interfaces. Como também a produção industrial de diversos artefatos de uso doméstico e decorativo que competem com os produtos artesanais da comunidade. Outro aspecto que acentua a economia dessa comunidade tradicional, como tantas outras no Brasil, é a ausência de políticas públicas sustentáveis, provocadoras de fortalecimento, reconhecimento social, manutenção e permanência para seu ambiente de origem e com respeito à sua dignidade, sua identidade, para o exercício da cidadania.

Nessa perspectiva, conhecer o processo histórico/cotidiano da comunidade ribeirinha de São Gonçalo oportuniza maior compreensão da sua maneira de dar sentido a suas vidas, na convivência com o meio natural, posto que a sua constituição esteja intimamente inter-relacionada com o rio. Este teve, no passado, papel preponderante no processo de ocupação e de colonização do território mato-grossense. Foi através desse componente natural que em Cuiabá chegaram os primeiros bandeirantes paulistas no século XVIII.

A terra onde vivem os ribeirinhos, como se verifica, pode ser considerada, tanto pelo fator material, como pelo fator simbólico. É um lugar que possui uma história de ocupação

oriunda de aldeias indígenas, sesmarias e terras de heranças. Ao se estudar o modo de vida e trabalho dessa comunidade, estamos compreendendo a história e teias que reforçam a sua permanência no ambiente, junto às atividades culturais.

A precariedade vivida pela comunidade, a modernização imposta pela supremacia da sociedade, a redução dos meios de sobrevivência da comunidade, impuseram a busca de novas formas de trabalho e muitos são aqueles que hoje exercem funções na área urbana nos municípios de Cuiabá e de Várzea Grande.

No final da década de 90 e início de 2000, a comunidade ribeirinha de São Gonçalo viveu períodos de graves situações econômicas com a redução da pescaria, da venda da cerâmica e da resistência da geração daquela época em relação à manutenção das tradições ribeirinhas.

A fronteira de expansão capitalista, sem freio e sem limite, o aumento demográfico e o crescimento desordenado da cidade de Cuiabá, são fatores que propiciam diversas alterações e reconfigurações aos ambientes urbano e ribeirinho. Dada a sua maior fragilidade em relação ao agrupamento urbano, os ribeirinhos, em meio a esta trajetória e em meio à ausência de políticas sociais, em especial uma das mais trágicas, a política de trabalho, seguem sua trajetória como se fossem um barco a esmo.

As tradições ribeirinhas sofreram resistência de jovens ribeirinhos e os moradores do local diziam que eles sentiam vergonha de expressar a dança e a musicalidade. Poucos eram os que participavam. Em sua maioria, os componentes dos grupos de Siriri e Cururu, naquela época, eram pessoas idosas. Segundo os ribeirinhos mais idosos, os meios de comunicação exerciam grande influência sobre os jovens que aderiam à moda e aos gostos urbanos, negando a cultura local que era por eles considerada como “coisa de velho”, “coisa de caipira”. A fragilização, naquele período, foi acentuada com sinais negativos de dispersão cultural e social, transformações que perpassaram o ambiente ribeirinho, inclusive no que diz respeito ao afloramento do processo de urbanização em seu entorno.

O esforço da fervorosa ceramista, líder na comunidade, que além de artesã compõe músicas regionais, participa dos grupos folclóricos existentes na comunidade e em reconhecimento, saiu à luta e em defesa às causas culturais de São Gonçalo e Cuiabá, hoje membro da Confraria do Rasqueado, conseguiu constituir um grupo de Siriri jovem na comunidade, em 1998, denominado Flor Ribeirinha, com 36 componentes jovens.

Segundo Hasse (2005, p. 5-7),

**Geny Solange da Luz. Ellen Laura Leite Mungo. Maria das Graças Campos**

147

[...] a dança e a música possuem um papel fundamental, a merecer maior atenção. Num tempo dominado pelos problemas da globalização, o conhecimento do que é local revela-se decisivo para que se possa estabelecer uma relação adequada entre aquilo que percorre todo o mundo, e aonde a economia anima as atividades da vida, e aquilo que participa da vida de cada um na dimensão e escala possível sua existência.

Foi pela dança que a comunidade ribeirinha de São Gonçalo fortaleceu e ressignificou a sua participação social e econômica e a partir dela, resgatou essa tradição entre os jovens da comunidade. O cotidiano da comunidade ribeirinha de São Gonçalo sofreu alterações, assim considera-se que para entender o ser social, deve-se primeiramente entender como suas experiências e seus atos são moldados e estes se realizam através da participação em sistemas simbólicos da cultura, dos significados, atingindo uma forma que passa a ser pública e comunal, em vez de privada e reduzida ao isolamento.

Indiscutivelmente, não podemos negar que a convivência da população ribeirinha de São Gonçalo, próximo a uma sociedade de atividade tecnológica, não tenha produzido dificuldades tanto para a nova como para a velha geração de ribeirinhos. A sobrevivência de indivíduos pertencentes a uma cultura peculiar e tradicional está envolta pela assimilação de uma sociedade mais compromissada. Seu estilo de vida, ainda que resguarde a simplicidade e a singularidade de um trabalho outrora concreto, útil, realizador, criativo, pouco ofereceu para a manutenção da comunidade. Sua sobrevivência, destarte, está condicionada à abertura parcial para o novo, constituindo-se como uma das estratégias de sobrevivência e resistência, que neste momento está sendo traduzido pela popularização da dança impressa pela insistência, persistência e resistência de uma mulher líder da comunidade.

A dança imprimiu uma nova paisagem no ambiente físico da comunidade, criando a possibilidade de uma nova forma de manutenção de trabalho desse agrupamento social. Pela dança, a comunidade estruturou uma nova condição de produzir bens e serviços e a expansão dessas práticas culturais, hoje, permite concluir que esse rico produto cultural criou novas dimensões que, além de abranger o aumento da produção e da renda familiar, estimulou a circulação de dinheiro na comunidade. Seu reconhecimento possibilitou, ainda, a troca de saberes com outras regiões do país, bem como, vislumbra novos horizontes em que mulheres artesãs ribeirinhas, com forte liderança, estão traduzindo seus esforços cotidianos e prazerosos, em melhoria da qualidade de vida, uma vez que o Siriri se transformou na força motriz de atrativo turístico para a comercialização de outros produtos e serviços ofertados.

**Geny Solange da Luz. Ellen Laura Leite Mungo. Maria das Graças Campos**

**148**

pela Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo e que precisa de novos estudos, que permitam aprofundar esse potencial cultural. O desdobramento econômico de sobrevivência dessa comunidade levou o Grupo Flor Ribeirinha para além do Brasil e a conquistar o título mundial do Festival Folclore realizado na Turquia, disputada por 97 países, sendo o primeiro lugar. Momento este, exemplo de determinação, crença e vontade de vencer que, com certeza, servirá como referência para quem acredita na tradição tricentenária do povo Cuiabano. Essa experiência é um importante intercâmbio cultural entre as várias nações.

### **Considerações finais**

Mergulhando no cotidiano do ribeirinho, trouxemos à tona os valores e práticas culturais que o revelou como um povo de vida simples que integra a sociedade cuiabana. Na aproximação com a comunidade, procurou-se captar o que ela diz. Sua evocação evidencia saudosismo, que enseja um desejo de conservação das coisas belas, ocorridas num passado imaginário, retidas na memória, nas lembranças que trazem à tona um passado idealizado, que emerge como símbolo de uma época remota, onde se vivenciava a tranquilidade e simplicidade, cuja perda é profundamente lamentada, mas que poderá ser contado àqueles que não a presenciaram, não vivenciaram, revelando a identidade de um grupo, a história do seu povo e as suas versões pessoais, que são possibilidades de apreensão de modos de ser, de viver, de conhecer, pois estão presentes na memória e na cultura.

Esta é parte das muitas abordagens realizadas no período de investigação para conclusão do mestrado realizado em 2001. As abordagens acabaram envolvendo-nos ainda mais com os sujeitos pesquisados, estabelecendo com eles uma relação de solidariedade. Passamos a ser sujeitos e também atores deixando, então, transparecer as nossas expectativas, as vivências e as perdas, e contribuindo para reforçar a presença do saudosismo que permeia o trabalho.

A dança é um produto, hoje, que quebra as fronteiras da Comunidade Ribeirinha de São Gonçalo, a transporta para o mundo e a beneficia financeiramente, uma vez que, como já foi dito, é um atrativo turístico que promove o turismo, favorece o conhecimento da gastronomia local e possibilita às famílias ribeirinhas, abrirem outros horizontes para a melhoria de vida e permanência no seio da comunidade.

Hoje, não só a pesca não é o carro-chefe de seu modo de vida, mas também a cerâmica, que ganhou novo destaque, e agregado a este, a gastronomia antes não comercializada, e tudo isto tendo como palco principal, a dança tradicional ribeirinha.

A comunidade, hoje, investe na preparação da transmissão cultural do povo da “barranca do rio” (expressão usada pela professora Salleti Ferraz Ferreira, aposentada da UFMT), através do Grupo Tradicional de dança e música cuiabana Flor Ribeirinha, com o projeto “Semente Ribeirinha”, que busca consolidar elementos da cultura regional em crianças de 6 a 12 anos, com aulas de cururu e siriri, cerâmica em argila e artesanato gratuitamente.

A proposta de transmissão desses conhecimentos é de fundamental importância, pois outrora com o enfraquecimento dos meios de produção da cerâmica e pesca, muitos foram os jovens que deixaram de viver a cultura ribeirinha e dela até se envergonharam, conforme a pesquisa revelou.

A difusão cultural, o conhecimento da sua história contada durante esses momentos de aprendizagem, hoje reforçada pela dança, provocou novo brilho nas crianças e jovens ribeirinhos, que se orgulham de ver essa prática cultural sendo valorizada e valorizada pela força da própria comunidade, conquista desse povo que se mantém em pé ante às inúmeras contradições e explorações capitalistas por ela já vivida.

## **Referências**

BENJAMIM, Walter. **Sociologia**. 2. ed. Tradução, introdução e org. Flávio Kothe. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CAMPOS, Benedito Pinheiro de. **O idealista**: documentário histórico-cultural. Cuiabá: Instituto Cultural e Artístico "Cuiabália", 1999.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução. E.F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Democracia e cultura popular. In **Crítica y emancipación**: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, n. 1, jun. 2008. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

FERREIRA, Maria Saleti Ferraz Dias. Rio Cuiabá. **Caderno do NERU** – Núcleos de Estudos Regionais n.5. Cuiabá: IB/UFMT, 1999.

FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por Uma Poética Popular da Arquitetura** Cuiabá: EDUFMAT, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GRANDO, Beleni Saleté (org). **Cultura e Dança em Mato Grosso**: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla, na Região de Cáceres. Cuiabá: Central do Texto; Cáceres: Unemat, 2005.

HASSE, Manuela. **Apresentação**: Cultura e Dança. In GRANDO, Beleni S. **Cultura e Dança em Mato Grosso**: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na região de Cáceres. 2ed. Cuiabá: Central de texto, 2005.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. 4ed. In VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido: 30/10/2017

Aprovado: 10/12/2017

Publicado: 30/06/2019